

## ATENDIMENTO ONLINE: A RECUSA AO ENCONTRO TERAPÊUTICO COMO UMA PREFERÊNCIA PELA DISTÂNCIA E A NÃO PROXIMIDADE FÍSICA COM O ANALISTA

Gabriela Terezin<sup>1</sup>

Diego da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo trata de um exercício de reflexão sobre os princípios da Psicanálise e a possibilidade de efetivo tratamento mediado pelas tecnologias de comunicação, que têm sido preferidas pelos pacientes mesmo após o fim do isolamento social do período pandêmico. Nesse sentido, a preferência do não-contato com o outro percebido é analisado mediante o trabalho sociológico de Elias Canetti sobre a relação entre indivíduo e massas, realizado em diálogo com a obra de Freud. Neste artigo foi utilizado o método de revisão bibliográfica da obra freudiana e dos estudos que se seguiram dos princípios mais importantes da psicanálise, como inconsciente, associação livre, atenção flutuante e transferência; e realizado um diálogo com a obra de Elias Canetti sobre o temor do contato entre os indivíduos e a relação com a massa; bem como com a leitura dos artigos acadêmicos mais recentes que tratam das mudanças que o período pandêmico causou à forma do tratamento psicanalítico. Os elementos percebidos na prática terapêutica realizada de forma remota pela autora também estão presentes na busca da compreensão da preferência de muitos pacientes pela continuidade da modalidade remota para além dos motivos em torno do comodismo, refletindo sobre o paciente como um ser social que pode apresentar como em dos elementos de sua complexidade, superdimensionado pelo afastamento social empregado por vários meses para evitar contágio de covid-19, o pavor do contato com o Outro. Nesse sentido, conclui-se que o desejo de manter a distância física, inclusive no set terapêutico, é parte do processo psíquico do paciente que deve ser respeitado e trabalhado, aproveitando os recursos tecnológicos disponíveis para que se exerça a clínica psicanalítica.

51

**Palavras-chave:** Psicanálise. Clínica psicanalítica. Atendimento online. Afastamento social.

### I. INTRODUÇÃO

Quando se pensa em atendimento online, voltado à clínica psicanalítica, logo nos vêm à cabeça o período da Pandemia de Covid-19 que assolou o nosso país e o mundo no ano de 2020. Foi um tempo em que a maioria das pessoas estavam impossibilitadas de saírem de suas casas por uma questão de proteção de si e dos seus. Porém, após a pandemia este hábito persistiu e levou muitas pessoas a manter a terapia psicanalítica de forma remota (OLIARI e FEIJÓ,

<sup>1</sup>Graduada em Filosofia pela Faculdade Bagozzi. Aluna do curso de psicologia da UniEnsino, 2024.

<sup>2</sup>Psicólogo, mestre em Medicina. Docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

2020)<sup>3</sup>. Este artigo objetiva problematizar essa mudança à luz dos estudos de CANETTI (2019). Segundo o autor, o temor ao desconhecido comum no indivíduo contemporâneo o leva a preferir evitar o contato com o que lhe é estranho (CANETTI, 2019, p. 12-21.), o que pode nos ajudar a compreender o aumento da busca por atendimentos na modalidade online<sup>4</sup>. Por outro lado, pesquisas evidenciam a eficácia de intervenções psicológicas realizadas via internet em casos de vários problemas como estresse pós-traumático, dependência alcoólica e química, depressão, ansiedade e outros<sup>5</sup>. Nesse sentido, este estudo busca problematizar a preferência pela modalidade remota de tratamento psicanalítico para compreender de forma mais aprofundada este comportamento, para além dos elementos ligados ao comodismo do paciente em relação à otimização do tempo e de recursos financeiros.

É possível aventar que o afastamento do social, onde a preferência pela distância e pela não proximidade física com o analista faz parte do quadro do adoecimento psíquico do indivíduo, constituindo mais um dos seus sintomas o que merece ser observado e tratado com um olhar cuidadoso pelo analista na clínica psicanalítica, ainda que mediados por Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). O método utilizado nesta pesquisa foi a revisão bibliográfica, tanto da parte conceitual da psicanálise (FREUD) e do estudo do sociólogo Elias Canetti, quanto de publicações mais recentes com o levantamento dos registros da literatura acadêmica e documentos regulatórios do atendimento on-line.

52

Antes de entrar no conceito de psicanálise, é importante lembrar que a psicanálise é um tema muito amplo com vários conceitos e regras e este artigo tem como objetivo principal elucidar a efetividade do tratamento psicanalítico na modalidade online, sendo que há uma preferência pelo ser humano em estar sozinho e também um temor do homem pelo desconhecido, o que o leva a preferir o atendimento neste tipo de modalidade.

## 2 MÉTODO

O presente estudo é uma revisão bibliográfica extensa que abarca desde a obra freudiana até análises recentes promovidas pelas transformações na prática analítica fruto do contexto histórico e uso de tecnologias atuais de comunicação. A pesquisa bibliográfica é um conjunto de

---

<sup>3</sup>Somente no ano de 2020, o registro de cadastro do sistema *E-psi* no estado de Minas Gerais, por exemplo, aumentou 566,88%. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n3p1101-1120>

<sup>4</sup>O Conselho Federal de Psicologia passou a regulamentar os atendimentos a partir de 2005, mas este tipo de atendimento se consolidou durante a Pandemia de COVID-19, quando a regulamentação foi complementada (<https://bit.ly/3Gm6rYh>). Essa prática se expandiu muito durante a pandemia, o que foi fundamental para dar suporte ao isolamento social e outros problemas acarretados pela pandemia (GONÇALVES, 2023, p. 3-4).

<sup>5</sup> <https://doi.org/10.1590/1982-3703003245664>

leituras de obras, no caso voltadas à psicanálise, sociologia e prática psicanalítica hoje, com o objetivo de, se não responder a uma lacuna do conhecimento, juntar referências que possam ajudar na compreensão da realidade. Foi realizado o levantamento dos fundamentos da psicanálise e textos freudianos sobre o indivíduo e a massa, bem como intensa pesquisa de produções mais recentes que tratam da modalidade remota da prática psicanalítica, sua efetividade, dificuldades e problematizações propostas. O critério de seleção dos textos obedeceu foi a contribuição para a compreensão do problema levantado, que se refere ao momento histórico atual, e os textos mais recentes são textos acadêmicos publicados em revistas eletrônicas de instituições de ensino superior e pós-graduação como Scielo, Google acadêmico usando as palavras-chave: (atendimento remoto em psicoterapia, afastamento social e tratamento psicológico). Os idiomas deveriam ser português, inglês e espanhol publicados nas últimas décadas, além da literatura clássica.

### 3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICANÁLISE

Sigmund Freud, um médico vienense (1856-1939) criou a teoria psicanalítica, conjunto de ideias que envolviam personalidade, anormalidade, tratamento, entre outros. Freud se especializou em tratamento de problemas do sistema nervoso com interesse nas desordens neuróticas, ansiedade excessiva, depressão, fadiga, insônia, paralisia, entre outros. (DAVIDOFF, 2000 p.16)

53

A psicanálise é uma abordagem clínica baseada na linguagem e no inconsciente, sendo que estes não são fenômenos materiais. Em Além do Princípio do Prazer, Freud (1920 p. 43) já dizia que a psicanálise se interessava pelos processos mentais inconscientes... “e que toda a vida mental apenas determinados atos e partes isolados são conscientes. Ela define o que é mental, enquanto processos como o sentir, o pensar e o querer, e é obrigado a sustentar que existe o pensar inconsciente e o desejar não apreendido”.

De acordo com os estudos do criador da psicanálise, o aclamado médico Sigmund Freud, nossa mente seria dividida em três instâncias: o Consciente, o Pré-Consciente e o Inconsciente e ainda dentro destas três instâncias temos o Id, Ego e Superego em toda sua teoria estrutural (ZIMERMAN, 2007, p. 24). Na clínica psicanalítica a “associação livre” e a “atenção flutuante” são os métodos mais utilizados dentro do *setting* terapêutico e os que desempenham papéis fundamentais nessa dinâmica de revelar os complexos reprimidos trazendo-os para a consciência (FREUD, 2012). Segundo FREUD, “...o preceito de notar igualmente tudo é a

necessária contrapartida à exigência de que o analisando relate tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção...” (FREUD, 1912, p. 113).

A escuta destaca-se como ponto fundamental da técnica psicanalítica. Segundo Macedo e Falcão, Freud inquietou-se com a conduta médica, psiquiátrica alemã do séc XIX, que preconizava a observação do enfermo, sem escutá-lo. Contudo, juntamente com Charcot no Hospital Salpêtrière, mesmo ainda distante de fundar a psicanálise, já começa a demarcar um importante papel no que diz respeito à palavra. A psicanálise passou por várias transformações e ampliações no decorrer de sua história. Seu início foi marcado pelo emprego da hipnose, onde o paciente descrevia cenas e ia reconectando com o material traumático. Cabe, então, ao médico, comunicar-lhe o que havia sido dito e, uma vez que retomado do transe, o paciente de nada se lembra. Os sintomas são atenuados pelo uso deste método, mas o sujeito não se apropria ativamente de sua história. Contudo, Freud vai abandonando a hipnose e se direcionando à necessidade de criar outra forma de escutar, dando início à associação livre (MACEDO e FALCÃO, 2005).

Entre 1912 e 1915, Freud publicou seus textos mais voltados à técnica psicanalítica, nos quais apresentou algumas indicações práticas do como fazer e do que não fazer nos atendimentos. Nestes trabalhos foi estabelecida como regra fundamental a associação livre e atenção flutuante, bem como a importância da abstinência e da neutralidade do analista, e de princípios como o não estabelecimento de um tempo para o tratamento, a importância do pagamento, o trabalho com a transferência (COPPUS, 2019, p. 133).

Ao introduzir o conceito de inconsciente, Freud defende que a fala comunica muito mais que intencionalmente se propôs. Nesse sentido, “falhas” no discurso, palavras esquecidas ou trocadas, ou ainda equivocadas, o uso de trocadilhos, piadas, chistes, podem ser comunicação do inconsciente, que “busca ser escutado e ter seus desejos satisfeitos, comunicando-se por meio de complexas formações: sonhos, sintomas, lapsos, chistes, atos-falhos; fenômenos que apontam para esse “desconhecido” que habita o sujeito. E assim abre-se na palavra a dimensão do que escapa ao próprio enunciante” (MACEDO e FALCÃO, 2005, p. 68).

A associação livre, regra fundamental da psicanálise, se refere à fala livre do paciente, sem interferência e sem ponderação. Consiste na transmissão de todos os modos de pensamentos, memórias, imagens, ideias, conceitos, atos, etc do paciente ao psicanalista, sem qualquer filtragem consciencial, o que leva o profissional da saúde, a aceder à história de vida do seu paciente e, conseqüentemente, indagar a estruturação da sua personalidade.

Segundo Freud, a total abertura que permite um completo despudor na comunicação de todo e qualquer pensamento é crucial para que o tratamento se mostre frutífero, já que os pensamentos que despertam no paciente maior conforto, são aqueles que melhor revelam ao analista o caminho para a origem da patologia. No entanto, no decorrer da terapia o paciente não deve, de modo algum inibir-se de transmitir ao psicanalista aquilo que sua mente projeta, mesmo lhe parecendo incorreto ou absurdo e até mesmo desagradável (LAUREANO, 2023). Dessa forma o analisando pode ser capaz de rememorar suas lembranças inconscientes, que até então se encontravam reprimidas.

No seio da associação livre vai se produzindo um deslocamento da imagem, do fato como fixo, e este vai se incluindo em múltiplas imagens caleidoscópicas cujas combinações possíveis se multiplicam e onde o ritmo, a cadência, a intensidade maior de alguns fonemas, a excitação explícita no gaguejar de uma palavra, o sentido duvidoso de uma frase mal construída, tudo isso vai dando tonalidades diferentes a estas figuras que não passam despercebidas à escuta sutil da atenção flutuante. Ao mesmo tempo, ao ser escutado pelo analista, o próprio sujeito que fala se escuta (ALONSO, 1988, p. 2)

A atenção flutuante é a escuta que o analista faz e que o paciente faz do próprio inconsciente, pois ao ouvir o que se fala, ouve seu próprio inconsciente. A regra da atenção flutuante é descrita como um estado em que o analista mantém uma atenção uniformemente suspensa frente a tudo que escuta, ou seja, não dirige sua atenção para nada especificamente, sem expectativas nem inclinações. O analista, busca dominar as influências conscientes da sua capacidade de prestar atenção, onde abandona sua memória inconsciente (CARVALHO e HONDA, 2017).

55

Sobre esta técnica, Freud salientou que ela era muito simples, pois

[...] rejeita qualquer expediente, como veremos, mesmo o de tomar notas, e consiste apenas em não querer notar nada em especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma “atenção flutuante”, segundo a expressão que usei. Assim evitamos uma fadiga da atenção, que certamente não poderíamos manter por muitas horas ao dia, e escapamos a um perigo que é inseparável do exercício da atenção proposital. Pois, ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta; fixamos com particular agudeza um ponto, eliminando assim outro, e nessa escolha seguimos nossas expectativas ou inclinações. Justamente isso não podemos fazer; seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber. Não devemos esquecer que em geral escutamos coisas cujo significado será conhecido apenas posteriormente (FREUD, 1912).

Para buscar contornar a resistência, Freud utilizava a técnica de pressionar a testa do paciente e pedir para que comunicasse a ele o que lhe viesse à mente por meio de imagens ou pensamentos, sem permitir que qualquer juízo sobre este conteúdo o impedisse de fazê-lo, dessa forma a lembrança esquecida poderia emergir (FREUD, 1893-1895, p. 379-380). O médico

acreditava que a vantagem deste procedimento consistia no fato de que a atenção do paciente era desviada de suas reflexões conscientes (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967/2001, p. 38).

Assim, a psicanálise seria a prática de “fazer falar e fazer ouvir” (CELES, 2005), vencendo as resistências para preencher as lacunas da memória, de forma que o esclarecimento dos enigmas evite a perduração e a reprodução do quadro patológico; desfazer todos os recalcamientos; superar as resistências e viabilizar o acesso ao inconsciente (FREUD, 1904a [1903]).

Para Fadiman e Frager (1986) em todo pensamento de Freud está o pressuposto de que o corpo é a fonte de toda experiência mental, já que inicia seu pensamento teórico assumindo que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Segundo Freud, há uma causa para cada pensamento, memória revivida, sentimento ou ação, todo evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam. Com a publicação de *Interpretação dos Sonhos* em 1900 Freud inaugurou um modelo topográfico da mente, a qual a dividia em três regiões: o sistema consciente, o sistema pré-consciente e o sistema inconsciente, sendo que cada qual possui características únicas.

O sistema consciente se caracteriza como parte da mente na qual as percepções que vêm do mundo externo ou de dentro do corpo ou da mente, são trazidas à consciência. A consciência é vista como um fenômeno subjetivo, cujo conteúdo pode ser comunicado apenas por meio da linguagem ou comportamento. O sistema pré-consciente compreende os eventos, processos e conteúdos mentais capazes de serem trazidos à consciência quando focalizamos a atenção. É uma parte do inconsciente que pode tornar-se consciente com certa facilidade, quando os conteúdos do inconsciente se ligam a palavras e, assim, tornam-se pré-conscientes. O pré-consciente mantém uma barreira repressiva e censura desejos e vontades inaceitáveis.

O sistema inconsciente é o componente dinâmico, isto é, os conteúdos e processos mentais do inconsciente são mantidos fora da atenção consciente através da força da censura ou repressão. Há conexões entre todos os eventos mentais e muitas vezes essas conexões estão no inconsciente. Uma vez que estes elos inconscientes são descobertos, a aparente descontinuidade está resolvida. No inconsciente estão os elementos instintivos que nunca foram conscientes e que não são acessíveis à consciência. Além disso, há material que foi excluído da consciência, censurado e reprimido, este material não é esquecido ou perdido, mas também não lhe é permitido ser lembrado, pois o pensamento ou a memória afetam a consciência, mas de forma indireta (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 7-8).

Entre terapeuta e analisando, se estabelece um tipo de relação muito especial que sustenta o trabalho de análise: a relação transferencial. Segundo Freud, após um começo amistoso, começam a aparecer problemas na relação entre as partes envolvidas na terapia. Ele explica que paciente pode ter transferido para o analista seus componentes pulsionais, afetos, levando a um tipo de vinculação amorosa entre paciente e analista (FREUD, 1917-1916a, p.513).

A transferência, segundo Freud, pode emergir como uma exigência intensa de amor, de atenção, de reconhecimento, ou como o desejo de manter uma estreita amizade (necessidade libidinal sublimada). Mas também observou outra forma de expressão da transferência: a transferência hostil, também chamada de negativa. A transferência no modo positivo é favorável à análise, pois envolve confiança e simpatia. Já a transferência hostil se relaciona a resistência ao trabalho analítico, pois sem confiança não há engajamento do paciente no tratamento (SANTOS, 1994).

Segundo FREUD, a origem dos sentimentos endereçados ao analista não está no tratamento em si, mas estes já existiam em estado germinal no paciente e vêm à tona com a oportunidade oferecida pelo tratamento, simplesmente vêm à tona e são desdobrados a partir desta espécie de pré-programação afetiva. Essa dinâmica está relacionada à ordem do inconsciente, que insiste naquilo que no campo pulsional não foi satisfeito e ficou reprimido, e, portanto, tende a retornar e exigir satisfação. Dessa forma o indivíduo tende a repetir as escolhas dos objetos amorosos ao longo da vida e esta repetição deve-se tanto à influência das disposições congênitas, como das experiências afetivas da primeira infância, quando foram moldadas as primitivas formas de satisfação das pulsões, que são reatualizadas na relação com o analista (FREUD, 1912, p. 129-143). Nas palavras do fundador da psicanálise:

Sempre que um doente nervoso se submete à terapia psicanalítica, ocorre nele o fenómeno desconcertante a que chamamos transferência (...), ou seja, o paciente dirige ao médico impulsos afetivos, muitas vezes misturados com hostilidade, que não têm fundamento em nenhuma relação real e que, dadas as suas características, só podem ser deduzidos de desejos fantasiosos antigos e entretanto, tornados inconscientes (FREUD, 1909, p. 61).

A necessidade de alteração no modo de fazer analítico, segundo COPPUS, destacou “a radicalidade do preceito psicanalítico de que a psicanálise é, a rigor, uma práxis e de que as modificações bem como os avanços teóricos se dão, sobretudo, a partir dos impasses que a experiência clínica nos impõe” (COPPUS, 2019). Em suas “recomendações”, Freud sugeriu o uso do divã nos atendimentos, revelando a importância de se retirar o corpo da cena visual, (o do analista seja o do analisando), poupando o paciente das expressões do analista, o paciente poderia falar mais livremente. A sugestão de Freud de valorizar mais a voz que a visualização



do corpo no processo psicanalítico pode ser considerada na discussão sobre a atualidade dos atendimentos online (FREUD, 1912).

A realidade imposta nos últimos tempos levou a uma adaptação da prática psicanalítica, visto que medidas sanitárias precisaram ser tomadas para enfrentar a pandemia do Covid-19. A necessidade de distanciamento social levou ao aumento de uma modalidade antes embrionária: o atendimento remoto utilizando as tecnologias de comunicação.

#### 4 POSSIBILIDADES E EFETIVIDADES DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO NA MODALIDADE ONLINE

Nos últimos anos vários debates ocorreram sobre o uso dos novos dispositivos tecnológicos na prática psicoterapêutica<sup>6</sup>. Assim, possibilidades técnicas e questões éticas foram levantadas a partir da regulamentação e implementação da prática de atividades psicológicas por meio online. A psicologia passou a ampliar suas possibilidades de atuação, para que mais pessoas possam usufruir dessa modalidade de atendimento, seja qual for o motivo que decidir optar pelo tratamento não presencial (GONÇALVES e NETO, 2023).

Com a pandemia decorrente do Coronavírus (COVID-19), muitas das práticas sociais tiveram que ser revistas e transformadas. Para amenizar os efeitos da pandemia, foi adotado o isolamento social, a fim de evitar aglomerações, e com isso reduzir possibilidades de contágio. Nesse contexto, a prática de atendimento online se expandiu e se consolidou, de forma emergencial, não apenas como uma prática a mais de cuidado psicológico, mas como uma prática necessária e fundamental de suporte ao isolamento, ao medo do adoecimento e até mesmo da morte.

De acordo com Milaroski (2020) o atendimento online pode ser tão efetivo quanto o presencial para a clínica psicanalítica. Acolher e perceber que esse sujeito que procura tratamento psicanalítico traz dor e sofrimento, independente se o atendimento será presencial ou online. O olhar, a escuta, a compreensão e a futura transferência, demandam que o analista esteja sempre atento para ouvir esse dito do paciente. Colocar isso em palavras demanda exclusivamente das irregularidades do sujeito e isso nem sempre é uma situação simples, porém, esta modalidade de atendimento, pode trazer alguns desafios.

---

<sup>6</sup> É necessário atentar para o fato de que a prática remota de atendimento já estava presente em países como Canadá, Alemanha, Estados Unidos, Austrália e Inglaterra há aproximadamente 50 anos, apresentando, inclusive, pesquisas que demonstram a eficiência e efetividade deste método (VIANA, 2020) (SALEK; MOSER, 2020).



Mas a psicanálise se propõe a tratar, com muita responsabilidade, cada sujeito, considerando suas queixas e seus impasses. O atendimento já iniciado de forma online, pode levar mais tempo para acontecer a análise em si, mas isso não impede a continuidade e a efetividade do tratamento. É através do processo da fala e escuta de si mesmo, porque passa cada analisando, que os ditos do sujeito podem ser percebidos como constituintes do sintoma, tudo aquilo que é possível tratar em psicanálise. Somente o sujeito pode dizer o que não vai bem para ele, apesar de muitas vezes ele ignorar a causa disso ou talvez nem de conhecê-la.

Contudo, há algumas dificuldades trazidas de fragmentação no atendimento online, já que há a impossibilidade de enxergar o corpo todo, limitando assim a percepção, impedindo a observação nos casos de ansiedade, nervosismos e outros, mas por outro lado há uma diminuição dos cancelamentos das consultas e a possibilidade de acessar o atendimento em qualquer lugar, mesmo residindo em lugares bem distantes. Por outro lado, um dos pontos positivos no atendimento online, é a possibilidade de o analista estar atento à nossa expressão facial, já que é possível ver a própria imagem pela câmera no mesmo instante em que se analisa o paciente, e assim tomar um certo cuidado as expressões, para que estas não influenciem nas tomadas de decisões ou outras ponderações feitas pelo analisando.

Para além das dificuldades que envolvem a falta da visão do corpo e gestos do analisando, deve-se atentar para que os meios digitais não são estéreis, livres de camadas de significados e interpretações. As mídias surgem por meio de sistemas de crenças, e estas modulam os formatos de acesso ao outro, relativizados a partir dos ideais globalizados de cada cultura (RÜDIGER, 2012). As tecnologias que permitem a comunicação virtual não devem ser vistas somente como mediadoras, mas como suporte das relações humanas ao se incorporarem às esferas laborais e afetivas dos sujeitos.

A globalização reflete profundas transformações no indivíduo, que recebe uma influência maciça desse sistema em muitas das práticas sociais e comunitárias. Dispositivos cada vez mais aprimorados aceleram processos, criam espaços de interação, promovendo a conectividade, a instantaneidade e a hiperexposição, por exemplo, ecoando na intimidade da experiência subjetiva contemporânea. Assim, podem causar efeitos nas narrativas dos sujeitos, o que deve ser objeto de estudos e debates (RÜDIGER, 2012). Por outro lado, as novas tecnologias de comunicação proporcionam importantes benefícios para a práxis psicoterapêutica, como maior disponibilidade, acessibilidade, baixo custo, conveniência e privacidade.

Segundo Figueiredo (2009), Freud possibilitou a abertura para a experiência psicanalítica sobre diferentes meios culturais de aplicação. Desta forma, ela não nasceu fechada para a maleabilidade técnica, para a adaptação a fim de responder às demandas da clínica em diferentes contextos e épocas. Para responder às mudanças ocorridas nos atendimentos psicológicos e sua regulamentação, emerge a necessidade de adaptação dos profissionais à atual realidade da sociedade. Nesse sentido, inclusive para o aperfeiçoamento na formação profissional, se tornou fundamental a realização de novas reflexões no âmbito teórico sobre a os conceitos de termos como virtual e real.

Assim, faz-se necessário ressignificar esses termos nos debates sobre a escuta mediada pelas novas tecnologias de comunicação, de forma que se atente para o fato de este contato está na ordem do real, e não do virtual, pois os indivíduos estão presentes nesse espaço, embora ele seja um espaço virtual. (VIANA, 2020). Assim, no desenvolvimento dos atendimentos realizados remotamente, a atenção do profissional sobre o impacto destes no paciente, respeitando sempre os termos de segurança e privacidade, sendo importante a implantação, sempre que possível, da implantação de uma modalidade “híbrida” de atendimentos que mesclaria encontros on-line presenciais.

O atendimento remoto, portanto, contribui para a ampliação do alcance e da permanência do tratamento psicológico, tornando-se “uma importante ferramenta de trabalho e de alívio do sofrimento, servindo como espaço de escuta e acolhimento diante das demandas psicossociais e das barreiras ainda presentes num país tão desigual e violento” (GONÇALVES, NETO, 2023, p. 14).

## 5 A INVERSÃO DO TEMOR DO CONTATO

A relação estabelecida com as disciplinas sociais pode ser vista, em Freud, inicialmente no texto "O interesse científico da psicanálise" (1913/1996), no qual o autor defendia as contribuições que esta nova perspectiva científica, a psicanálise, poderia oferecer às ciências sociais; com o inconsciente desempenhando um papel importante na totalidade das condutas humanas (ENRIQUEZ, 2005).

Freud defendeu, na obra “Psicologia das massas e análise do eu”, a importância das relações do indivíduo com os outros na psicologia, apesar desta tomar o homem individualmente e sua busca de satisfação aos impulsos instintivos (FREUD, 1921, p.81). Nesse sentido, o ser humano é visto como um ser social e a psicanálise pode ser compreendida não

apenas como a ciência da psique individual, mas também aquela das interações entre os diversos indivíduos. A questão da alteridade, assim como a do diferente, fazem parte da essência do ser humano. Freud mostra que a psicologia individual e a psicologia social não se opõem, pois o Outro é considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário.

Dessa forma, a psicologia individual é também uma psicologia social. O inconsciente e o corpo é um Outro interno, e o outro externo é o semelhante. Para Freud a massa é uma formação variável em formas, durações e tipos de grupos. Algumas características da formação de massa numeradas por Freud são: o sentimento da onipotência, o desaparecimento da noção do impossível, a falta de contato com a realidade, a credulidade, a falta de senso crítico e é facilmente influenciável. Na massa caem as inibições individuais e aparecem os instintos cruéis dos seres humanos. (FREUD, 1921, pp. 25-26.)

Mas, enquanto a psicanálise centra-se nos processos inconscientes imbricados nos laços sociais, a Sociologia ao estudar a interação de indivíduos que vivem em grupos foca nos comportamentos econômicos, políticos e sociais e na mentalidade do grupo como um todo. Observa-se, portanto, pontos de intersecção entre as duas áreas do conhecimento e é possível realizar o diálogo da psicanálise com a obra de Elias Canetti. Ele foi um romancista e ensaísta de nacionalidade búlgara e britânica que escrevia em língua alemã, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1981. A obra de Canetti é composta por romances, ensaios, peças de teatro e aforismos, sendo a reflexão sobre o poder como forma de sobrevivência tema constante. Além de literatura, escreveu o ensaio “Massa e poder”, no qual faz uma análise original sobre o fenômeno da massa, no qual se percebe uma poderosa crítica ao movimento da psicanálise.

61

Mas apesar da oposição que Canetti realiza a pressupostos freudianos no decorrer de sua obra, pode-se observar afinidades entre os dois autores em temas como a importância da experiência vivida, dos processos mentais conscientes e inconscientes e do autoconhecimento no estudo dos seres humanos; a desmistificação dos homens como “naturalmente bons”; e a correlação entre poder e enfermidade mental (BERNATH, 2005). Canetti criticou Freud e seu movimento sempre que teve oportunidade, mas ao mesmo tempo, o seu pensamento correu paralelo aos fundamentos da psicanálise, à qual se referia com desprezo e dizia ser uma teoria baseada em mitos.

Interessa a este estudo, no entanto, um viés da relação do indivíduo com o Outro e com a massa, e esta foi desenvolvida por Freud nos escritos sobre a psicologia das massas e, segundo autobiografia de Canetti, respondida por ele na sua obra *Massa e Poder* (SPEZIALE, 2022). A

maior diferença entre estes autores está na visão negativa em Freud sobre o comportamento de massa, pois o considerava como um fenômeno de regressão a um estado primitivo. Já Canetti elaborou uma classificação de tipos de massa (WAHNÓN, 2001) e dissertou sobre a relação do indivíduo com a massa, como segue adiante. Segundo o próprio Canetti, numa entrevista concedida a Adorno, a diferença de seu conceito de massa e de Freud:

[...] Freud fala de duas massas concretas que ele dá como exemplo, uma é a igreja e a outra é o exército. O fato de que Freud escolha dois grupos (...) hierarquicamente articulados para explicar sua própria teoria da massa me parece já uma característica muito particular. Eu realmente não considero as massas como algo hierarquicamente articulado. A meu ver, o exército não é totalmente uma massa. O exército é uma reunião de pessoas que são mantidas juntas através de uma determinada estrutura de mando precisamente para que não se convertam em massa. (...) Portanto é já muito significativo que Freud explique sua teoria utilizando o exército. Outra coisa que eu poderia destacar como diferença importante é que Freud na realidade só fala de massa que tem um chefe. Freud vê sempre um indivíduo que as massas têm como ponto de referência. (Adorno, & Canetti, 1988, p. 129)

De acordo com o sociólogo Elias Canetti não há nada que o homem tema mais do que o contato com o desconhecido. Pois ele está sempre a buscar aquilo que está tocando, tem um desejo imenso em conhecê-lo, ou ao menos classificá-lo. O homem está sempre evitando o contato com o que lhe é estranho, podendo até mesmo levar ao pânico, no caso deste contato... “nem mesmo as roupas proporcionam segurança suficiente - quão facilmente se podem rasgá-las, quão fácil é avançar até a carne nua, lisa, indefesa da vítima” (CANETTI, 2019, p. 11).

62

Tal aversão ao contato não nos deixa nem quando caminhamos em meio a outras pessoas. A maneira como nos movemos na rua, em meio aos muitos transeuntes, ou em restaurantes, trens e ônibus, é ditada por esse medo. Mesmo quando nos encontramos bastante próximos das pessoas; mesmo quando podemos observá-las bem e inspecioná-las, ainda assim evitamos, tanto quanto possível, qualquer contato com elas. Se fazemos o contrário, é porque gostamos de alguém, e, nesse caso, a iniciativa da aproximação parte de nós mesmos (CANETTI, 2019, p. 11-12).

O pavor do contato não nos abandona. É visível a presteza com que as pessoas quando se tocam de forma intencional, e como ficam tensas ao aguardar tais desculpas, algumas ficam até violentas quando tais desculpas não vêm, pois há sempre uma certa repugnância e um ódio sentidos em relação a quem cometeu tal delito, mesmo quando não se tem a certeza de quem foi.

[...] Todo esse emaranhado psíquico em torno do contato com o estranho demonstra, pela instabilidade e irritabilidade extremas, tratar-se aí de algo muito profundo, sempre desperto e melindroso, algo que, uma vez tendo o homem estabelecidos as fronteiras de sua pessoa, nunca mais o abandona. Mesmo o sono, estado em que nos encontramos muito mais indefesos, é facilmente perturbável por este tipo de temor” (CANETTI, 2019, p.12).

Assim, somente na massa é possível ao homem libertar-se desse temor do contato com o outro, é quando o temor se transforma no seu oposto. Segundo Canetti, as massas detêm

quatro principais propriedades: a massa quer crescer sempre, não se podendo colocar fronteira ao seu crescimento; no interior da massa reina a igualdade; a massa ama a densidade; e a massa necessita de uma direção, pois está sempre em movimento rumo a alguma coisa, e essa direção comum a todos fortalece o sentimento de igualdade (CANETTI, 2019, p. 30-31).

Sobre a classificação das massas, o autor as separa entre abertas, fechadas, lentas, velozes, visíveis ou invisíveis, e utiliza o conteúdo afetivo dominante para dividi-las diferentes tipos.

As mais antigas são as massas de acossamento e as de fuga. As primeiras se formam mediante uma meta que deve ser rapidamente alcançada e seu objetivo é matar. Essa tem um rápido crescimento porque não oferece perigo, devido ao poder da massa sobre a vítima. Já as massas de fuga se formam a partir de uma ameaça, se forma porque as pessoas “fogem juntas porque assim fogem melhor” (CANETTI, 2019, P. 63). Esse tipo de massa tem muita força em sua direção, que é a segurança.

As massas de proibição são repentinas, se formam quando “um grupo de muitos não quer mais fazer o que até então faziam como indivíduos” (CANETTI, 2019, p. 66). Nesse sentido, ela não provém do externo, mas sim de uma necessidade que leva a recusar o que se espera que façam. Massas de inversão são formadas em momentos de revolução, quando os indivíduos que sofreram por tempos reagem, como escravos contra seus senhores, por exemplo. São mais comuns as massas de acossamento na superfície das revoluções, nesse tipo ocorre a caça e morte a indivíduos. Já as massas festivas ocorrem quando “num espaço limitado, tem-se uma grande variedade de coisas, e as muitas pessoas que se movem no interior dessa área determinada podem, todas elas, compartilhar do que ali está” (CANETTI, 2019, p. 75).

Segundo Canetti, o acontecimento de maior importância dentro da massa é a descarga: “É a descarga que a constitui, no momento em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a se sentir iguais. [...] Enorme é o alívio que isso provoca. É em razão desse momento feliz, no qual ninguém é mais ou melhor que os outros, que os homens transformam-se em massa” (Canetti, 2019, p. 15).

O autor descreve um tipo extremo de formação de massa que chama de malta, em que é a lógica da sobrevivência pura que impera: “...o momento do sobreviver é o momento do poder. O horror ante a visão da morte desfaz-se em satisfação pelo fato de não se ser o morto. Este jaz, ao passo que o sobrevivente permanece em pé [...] A forma mais baixa do sobreviver é o matar”. (CANETTI, 2019, p.227)

De acordo com Canetti, é somente na massa que o homem pode se libertar do temor do contato, pois na massa ideal, todos são iguais, pois o movimento de uns comunica-se aos outros, já que todos tem uma única meta. Canetti define a massa como “a mutação do receio de contacto”; na massa o medo desaparece porque desaparecem as diferenças, sentindo-se todos parte de um grande corpo. A massa sendo englobante, nela o indivíduo estará apaziguado, sem medo. É como se houvesse uma transferência dos limites do indivíduo para os limites do corpo único da massa; nesse momento o indivíduo deixa de existir. As pessoas sempre irão se reunir de maneira semelhante, se desvincilhando de suas diferenças e passando a sentir-se iguais, graças ao poder da massa. “...é importante estabelecer antes de tudo, que a massa jamais se sente saciada. Enquanto houver alguém que não se tenha deixado apanhar por ela, ela demonstrará apetite” (CANETTI, 2019, p. 12). Segundo o próprio autor

(...) é preciso constatar o fato muito surpreendente de que na massa o homem o perde de todo. Trata-se de um paradoxo realmente importante. O homem só se libera do medo do contato quando se encontra muito próximo de seus semelhantes na massa, quando está totalmente rodeado por outros homens, de maneira que já não pode saber quem é que o oprime. Nesse momento ele já não teme o contato com os outros. Seu medo se subverte; e eu creio que uma das razões pelas quais os homens se reúnem prazerosamente à massa, se sentem à vontade na massa, é o alívio que experimentam por essa subversão do medo do contato. (Adorno, & Canetti, 1988, p. 128-129)

Segundo Canetti, o poder está na sobrevivência, quando há uma satisfação em não se ser o morto. A vulnerabilidade do corpo humano levou o homem a criar objetos de defesa, como armaduras e escudos, muros e fortalezas para afastar de si os perigos. Não apenas se protegendo se enfrenta o perigo, mas também banindo o perigo, vencendo-o, o que caracteriza o outro caminho utilizado para a sobrevivência: ir até o perigo e enfrentá-lo.

Porém, interessa nesse estudo o que o autor escreveu sobre o grande efeito que uma epidemia gera: o apartamento dos homens entre si. A epidemia, segundo Canetti, é um dos três fenômenos de massa que têm por meta o “amontoado de corpos”, como a batalha e o suicídio em massa. Durante a epidemia, as pessoas vivem “na igualdade da expectativa pavorosa, ante a qual todos os vínculos usuais entre os homens se dissolvem, entendendo as situações em que não há remédio para o mal contagiante:

Muitos fogem da cidade e espalham-se por suas terras. Outros se trancam em suas casas e não deixam ninguém entrar. As pessoas evitam-se umas às outras. Manter distância torna-se a última esperança. A perspectiva de seguir vivendo, a própria vida expressa-se, por assim dizer, na distância em relação aos doentes. Os empestados transformam-se pouco a pouco numa massa de mortos; os não empestados mantêm-se distantes de todos, frequentemente até mesmo de seus parentes mais próximos – dos pais, dos cônjuges, dos filhos. É notável a maneira pela qual a esperança de sobreviver transforma os homens em indivíduos isolados, em oposição aos quais se encontra a massa de todas as vítimas (CANETTI, 2019, p. 349).

Esse medo do contato com o outro já comum nos tempos tidos como “normais”, pode ter sido redimensionado no período pandêmico, com a aplicação de cuidados severos na convivência social como a obrigatoriedade do uso de máscaras, a recomendação do isolamento social durante o maior tempo possível, o medo do contágio pela proximidade com outros corpos e até mesmo ao tocar objetos antes tocados por outras pessoas.

Dessa maneira, não se pode ignorar a sensação de segurança que o isolamento social proporcionou durante a longa quarentena, e a permanência de alguns hábitos adquiridos naquele período se mostra na readaptação à convivência social. A escolha de muitos pacientes em continuar os atendimentos de forma remota pode estar relacionada a essa busca de segurança e ao conforto que a distância com o outro oferece. Estar de alguma maneira longe do corpo e do olhar mais atento do terapeuta pode ser uma escolha em que pese o medo do contato próximo, visível inclusive em outros aspectos das sociabilidades nos tempos atuais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou compreender a permanência das vivências de tratamentos psicoterapêuticos mediados pelas Tecnologias de Comunicação, apesar do fim das medidas sanitárias pós-Covid, a partir da leitura dos estudos de Elias Canetti e sua relação com a psicanálise. Sabe-se que o indivíduo moderno vive em meio a um amontoado de transformações, sejam elas social, cultural, filosófica, religiosa, educacional, ideológica entre outras e que isso tudo muda a maneira de pensar e determinar suas ações, e que todas essas transformações são responsáveis por suas mudanças de hábitos, que até então não eram questionados. Um destes hábitos é a busca pelos atendimentos psicanalíticos, que até outrora era realizado estritamente no modo presencial.

Este pode ser compreendido para além de fatores como os econômicos e pela comodidade, mas também pelo fato de que este paciente esteja em fragilidade, diante do seu estado psíquico, e que realmente, neste momento prefira o lugar fechado ao aberto. A preferência pela não proximidade física com o analista neste momento pode fazer parte do processo psíquico do paciente, que deve ser respeitado e trabalhado, aproveitando os recursos tecnológicos disponíveis para que se exerça a clínica psicanalítica que pode sim, ir além da sociabilidade em encontros presenciais.

A responsabilidade do trabalho terapêutico, principalmente em tempos de profundas e rápidas transformações sociais advindas de eventos disruptores como uma pandemia, justifica



a necessidade da busca de maior consciência dos fatores objetivos e subjetivos implicados na prática em suas novas formas, o que deve refletir em novas problematizações e atualizações na formação desses profissionais.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, S. L. (1988). A escuta psicanalítica. Disponível em: [www.uol.com.br/percurso/mais/pcs01/artigo0120.htm](http://www.uol.com.br/percurso/mais/pcs01/artigo0120.htm). Acesso em: 16/06/2024.

CONSELHO Federal de Psicologia. (2018). Resolução nº11, de 11 de maio de 2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012. » <https://bit.ly/3QnzvUc>

CONSELHO Federal de Psicologia. (2020). Resolução nº 4, de 26 de março de 2020. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do covid-19. » <https://bit.ly/3Gm6rYh>

BARBOSA, Mariana de Toledo. Freud e a criação da técnica psicanalítica. *Ayvu: Rev.Psicol.*, v. 01, n. 01, p. 110-125, 2014.

BERNATH, Raquel K. Conferencia de presentación del libro Elias Canetti – Luces y sombras (Biblioteca Nueva, Madrid, 2005) en la Asociación Psicoanalítica de Madrid el 11 de enero 2006. Disponível em: <https://www.temasdepsicoanalisis.org/2010/12/06/elias-canetti-y-el-psicoanalisis/> Acesso em 10 jun 2024.

CALDAS, H. (2020, 28 de abril). Algumas reflexões sobre a psicanálise no trabalho online. Rio de Janeiro, RJ: Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro. Recuperado de <https://ebp.org.br/rj/2020/04/28/algumas-reflexoes-sobre-a-psicanalise-no-trabalho-online>.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. 1.a edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CARVALHO, Vitor Orquiza; HONDA, Helio. Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise. *Analytica* vol.6 no.10 São João del Rei jan./jun. 2017.

CELES, Luiz Augusto. Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psyche* (Sao Paulo) v.9 n.16 São Paulo dez. 2005.

COPPUS, Alinne Nogueira. Você vai voltar ao consultório? Psicanálise e atendimento on-line. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 15(29), 129-139, nov. 2019 a abr. 2020.

DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à psicologia*. 3.ª edição, Editora Pearson, 2000.

FADIMAN, James e FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade Robert*. Teorias da personalidade. São Paulo: HARBRA, 1986.

FIGUEIREDO, L. A psicanálise e a clínica contemporânea. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*. Porto Alegre, n. 07, p. 9-17, 2009.

<<http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo202.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FREUD S. (1904a [1903]) O método psicanalítico de Freud. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume VII, p. 236-240.

\_\_\_\_\_. (1893-1894). Estudos sobre a histeria. Obras completas, vol. 2. 1.a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. (1909) Cinco Conferências sobre Psicanálise, tradução de Isabel Castro Silva, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2016.

\_\_\_\_\_. (1912) A dinâmica da transferência. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 129-143. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII.

\_\_\_\_\_. (1916-1917) Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXVIII: Terapia analítica. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 523-539. (Edição Standard Brasileira, Vol. XVI.

\_\_\_\_\_. (1920g) Além do princípio do prazer. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume XVIII.

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: \_\_\_\_\_. O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 125-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

\_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise. In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Volume XI. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

\_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do eu" (1921). "Psicologia de grupo e análise do ego", v. XVIII.

ENRIQUEZ, Eugène. Psicanálise e ciências sociais. *Ágora* (Rio J.) 8 (2) • Dez 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/agora/a/jDRbTN46rPwk5tdmwf37pyq/#> Acesso em 10/jun 2024.

GONÇALVES, Charlisson. NETO, João Leite Ferreira. O atendimento psicológico on-line: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Foco*, Curitiba (PR) v.16.n.5 e1723 p.01-18, 2023.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: Vol. 1: As bases conceituais. 3.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Laplanche, J., & Pontalis. (2001). Vocabulário da Psicanálise (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1967).

LAUREANO, Pedro. Breve introdução ao Nascimento da Psicanálise. Texto aberto, série II-05 (2023), pp. 1-8.

LEITE, Renata Franco; MACEDO, Fernanda Nunes; ANDRADE, Sara Bezerra Costa. Psicanálise: uma revisão didática sobre as principais contribuições de Freud. *stud. psicanal.* no.55 Belo Horizonte jan./jun. 2021.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother e FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê — Ano IX — nº 15 — São Paulo — jan-jun/2005 —* p. 65-76.

MILAROSKI, A. M. Desdobramentos da clínica psicanalítica no atendimento on-line: um relato de experiência. *CadernoS de PsicologiaS*, Curitiba, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/desdobramentos-da-clinica-psicanalitica-no-atendimento-on-line-um-relato-de-experiencia>>. Acesso em: 09/06/2024 .

OLIARI, A. L. T.; FEIJÓ, M. R. Terapia online e fortalecimento de vínculos em tempos de pandemia. *Cadernos de PsicologiaS*, Curitiba, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/terapia-online-e-fortalecimento-de-vinculos-em-tempos-de-pandemia>>. Acesso em: 09/06/2024.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RÜDIGER, F. Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual. *Fronteiras - estudos midiáticos*. Rio Grande do Sul, v. 14, n. 2, p. 156- 163, 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.142.09>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana. *Temas psicol.* vol.2 no.2 Ribeirão Preto ago. 1994.

SPEZIALE, Tomás. La masa, que ama su falta. Un punto de encuentro entre Freud y Canetti. *Revista da Carreira de Sociologia. Redes e Perspectivas*, Vol.12, No. 12 (2022). Disponível em <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/entramadosyperspectivas/article/view/7857/6862> Acesso em 10 de jun 2024.

SALEK, L.; MOSER, A. M. Atendimento psicológico on-line. *Revista Científica Sophia*, p. 99-110, 2020. <http://ojs.avantis.edu.br/index.php/sophia/article/view/111>.

VIANA, D. M. Atendimento psicológico on-line no contexto da pandemia de Covid-19. *Cadernos ESP - Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará*, 14(1), p. 74-79, 2020. Disponível <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/399>.

WAHNÓN, Sultana. Sobre Masa y Poder, de Elías Canetti. *Raíces* No 45 (invierno 2000-2001), pág. 48. Disponível em <http://www.revista-raices.com/publicado/public.php?body=antol&art=wahnon> Acesso em 10 de jun 2024.

ZIMERMAN, David E. Fundamentos psicanalíticos: teoria técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ADORNO, T. & Canetti, E. (1988). Diálogo sobre as massas, o medo e a morte: uma conversa entre Elias Canetti e Theodor W. Adorno (O. F. Nunes Jr, trad.). *Novos Estudos CEBRAP*, (21), 116-132. (Trabalho original publicado em 1962).